

# Entre Câmaras de Eco, Polarização Política e Intolerâncias. O Reverso Nocivo do Consumo e Mobilização Política dos Jovens nas Redes Sociais

Catarina Feio & Lídia Oliveira

Universidade de Aveiro

catarina.feio@ua.pt / lidia@ua.pt

## Resumo

As redes sociais desempenham um papel central na vida dos jovens. Estas plataformas são espaços de socialização, comunicação, entretenimento e ainda o local eleito pelos jovens para o seu consumo noticioso. Estas permitem igualmente novas formas de mobilização e participação política, o que gera novas dinâmicas, oportunidades e desafios. Por um lado, facilitam o acesso à informação, possibilitam um canal direto de comunicação entre eleitos e eleitores e fornecem um espaço em que todos os cidadãos podem expressar e partilhar ideias livremente.

No seu reverso os algoritmos, câmaras de eco e bolhas de filtro incentivam à polarização política e potencializam a intolerância.

O presente artigo, recorrendo ao método de *scoping review*, faz o levantamento e expõe os estudos existentes publicados nos últimos anos sobre esta problemática, tal como apresenta uma discussão crítica e propostas de futuras investigações que tenham em vista compreender este fenómeno à luz do contexto social e político português.

Palavras-chave: Redes Sociais, Jovens, Notícias, Participação Política, Câmaras de Eco, Polarização

# Between Echo Chambers, Political Polarization and Intolerance . The Damaging Reverse of Consumption and Political Mobilization of Young People on Social Media

## Abstract

Social media plays a central role in the lives of young people. These platforms are spaces for socialization, communication, entertainment, and the place elected by young people for their news consumption. It also allows for new forms of mobilization and political participation, which creates new dynamics, opportunities, and challenges. On one side, they facilitate access to information, enable a direct channel of communication between elected officials and voters and provide a space in which all citizens can

freely express and share ideas. On the other hand, algorithms, echo chambers and filter bubbles encourage political polarization and increase intolerance.

This article, using the scoping review method, surveys and presents existing studies published in recent years on this issue, as well as provides a critical discussion and proposals for future research aimed at understanding this phenomenon in the light of the Portuguese social and political context.

Keywords: Social Media, Youth, News, Political Participation, Echo Chambers, Polarization

Data de submissão: 2023-12-15. Data de aprovação: 2024-03-25.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.

## 1. Introdução

As redes sociais ganharam a aderência dos utilizadores nas últimas décadas. Estas plataformas permitiram uma aproximação entre indivíduos, partilhar experiências e registar memórias. Os adolescentes e jovens da atualidade já cresceram inseridos nestes ambientes mediáticos, sendo que as plataformas de redes sociais apresentam um papel primordial na socialização entre pares, na vida profissional, nas dinâmicas das relações amorosas e familiares (Aichner et al., 2021).

As redes sociais apresentam-se também como as plataformas elegidas para o consumo noticioso dos jovens, que podem aceder à informação em qualquer altura e em qualquer lugar através dos seus *smartphones* (Antunovic et al., 2018; Klopfenstein Frei et al., 2022a; Yanardağoğlu, 2021). O que apresenta novas dinâmicas e contextos de consumo informativo em comparação com os media tradicionais, tal como novos líderes de opinião e criadores de conteúdos. De igual modo, as redes sociais são consideradas ferramentas de mobilização política onde os mais novos estão fortemente presentes (Pawluczuk et al., 2020). Considerando que as atitudes políticas dos cidadãos são desenvolvidas e ganham maturidade durante a adolescência e juventude (Rekker et al., 2015), é relevante compreender estas dinâmicas tal como analisar quais as vantagens e vulnerabilidades da participação e mobilização dos mais novos na esfera das redes sociais.

O presente artigo tem como objetivo fazer o levantamento da bibliografia existente sobre a problemática de modo a conceptualizar e relacionar as investigações sobre os tópicos em estudo: os potenciais perigos e vulnerabilidades do consumo informativo e mobilização online dos jovens nas redes sociais. Para atender a este propósito realizou-se uma revisão da literatura recorrendo ao método *scoping review* e apresenta-se os resultados através de uma descrição narrativa, crítica e articulando os contributos. Esta análise apresenta uma introdução das novas dinâmicas de consumo informativo dos jovens na esfera das redes sociais, tal como estas podem ser um potencial de mobilização para os seus utilizadores, principalmente os mais novos que aderem a formas online de participação. Destaca igualmente, para além das vantagens destas plataformas para o consumo informativo e participação, os efeitos nocivos que as redes sociais possibilitam e propagam. Assim, analisa-se como os algoritmos privilegiam a criação de câmaras de eco, redes homogéneas e o aumento da polarização política. De igual modo refere-se como estas potencializam a criação e difusão de conteúdos de desinformação e criam espaços ideais à proliferação de intolerâncias. Estes temas são levantados e discutidos com o intuito de apresentar propostas de investigação futuras que visem estudar estas temáticas à luz do contexto social e político português, resultando no capítulo final deste artigo: Propostas de Investigações Futuras.

## 2. Metodologia

O intuito deste estudo é compreender, olhando para a literatura existente, quais os potenciais perigos e vulnerabilidades do consumo informativo e mobilização online dos jovens nas redes sociais. Assim, estabeleceu-se a seguinte pergunta de investigação que conduz este estudo: Quais são as vulnerabilidades e perigos do consumo noticioso e da mobilização política e cívica nas redes sociais?

Com o intuito dar resposta à pergunta de investigação estabeleceram-se os seguintes objetivos que se pretendem alcançar através da análise da literatura existente sobre as temáticas:

- Compreender o consumo noticioso dos jovens nas redes sociais.
- Analisar a mobilização política e cívica dos jovens nas redes sociais.
- Compreender as implicações da homogeneidade das redes e câmaras de eco.
- Verificar se existem indícios das redes sociais serem potenciadoras da polarização política e partidária.
- Fazer o levantamento das implicações das *fake news* no consumo noticioso online.
- Perceber se as redes sociais podem ser um meio de proliferação de intolerâncias.

Este estudo trata-se de uma revisão da literatura pois pretende apresentar, de forma narrativa, articulada e crítica, os estudos e conclusões sobre os temas em análise publicados nos últimos anos. O método de revisão da literatura utilizado é a *scoping review* pois é feito o levantamento da literatura e investigações existentes sobre os temas em análise com o objetivo de apresentar estes e indicar novas direções para investigações futuras (Jesson et al., 2011).

As bases de dados selecionadas para o levantamento dos artigos em análise foram a *Scopus* e *Web of Science*, por se tratar de bases de dados conceituadas e que contam com a indexação de artigos publicados em revistas que recorrem a *peer review*. O principal núcleo de palavras-chave utilizadas foi “*youth OR young people*”, “*social media*”, “*information OR news*” e “*political participation*”. Primeiramente foram corridos códigos com estas palavras-chave, através de pesquisas no título do artigo, keywords e resumo, em separado e com todas estas opções ativas. Foram também conduzidas pesquisas adicionando palavras-chave secundárias: “*echo chambers*”, “*filter bubble*”, “*polarization*”, “*fake news*”, “*desinformation*” e “*intolerance*”. Como critérios de inclusão, foram tidos em consideração artigos que explorassem os efeitos destes conceitos nos consumos e mobilizações online, ou seja, que explorem uma análise crítica dos fenómenos, realçando para potenciais perigos ou vulnerabilidades. Como critério de exclusão elegeu-se o ano de publicação. Todos os artigos anteriores a 2016 não foram considerados. Selecionou-se o ano de 2016 com a intenção de analisar estudos que refletissem o atual ecossistema mediático online. O ano 2016 é igualmente relevante pois ficou marcado pelas eleições presidenciais nos Estados Unidos da América que elegeram Donald Trump e pelo referendo do Brexit no Reino Unido. Estes dois momentos tiveram um grande impacto mediático, também na esfera online, como está expresso nos capítulos seguintes.

### 3. As Novas Gerações e o Consumo de Conteúdos Políticos nas Redes Sociais

No atual ambiente mediático as redes sociais desempenham um papel importante na transmissão de informação política (Bode, 2016). O presente capítulo explora como os jovens fazem o seu consumo mediático nas redes sociais, principalmente conteúdos informativos e noticiosos políticos, e como o consumo nesta plataforma difere do realizado nos media tradicionais.

As redes sociais, em comparação com os media tradicionais como os jornais, rádio e televisão, proporcionam uma transmissão de conteúdo político de forma direta, diversificada e relevante (Andersen et al., 2020). Isto é principalmente significativo no caso dos jovens, uma vez que se encontram fortemente presentes nas redes sociais. As gerações mais novas cresceram com constante acesso à Internet e sentem-se confortáveis na utilização destas plataformas (Russmann & Hess, 2020), e é aqui que consomem conteúdo noticioso e informativo com maior frequência (Feio, 2022). Deste modo, os jovens contam com as redes sociais, como o Facebook, Instagram e similares, para receberem informação sobre a atualidade política, tal como estas plataformas tornaram-se fatores-chave nas estratégias de disseminação de mensagens políticas, campanhas e fóruns de discussão (Halim et al., 2021).

É importante, no entanto, reforçar as alterações nas dinâmicas de consumo noticioso proporcionadas pelas plataformas de redes sociais. Se nos media tradicionais os indivíduos têm de procurar informação de forma consciente e/ou ativa para consumirem os conteúdos noticiosos, as redes sociais apresentam novas dinâmicas. Nessas plataformas os cidadãos podem ser expostos a conteúdos noticiosos mesmo que não os procurem (Ohme et al., 2022), o que altera a forma como os indivíduos descobrem e consomem informação (Goyanes, 2020). Assim, quem tem por hábito consumir notícias nas redes sociais têm igualmente maior probabilidade de receber sugestões de conteúdos noticiosos nos seus *feeds* (Goyanes, 2020).

O uso de redes sociais para a obtenção de conteúdos políticos, segundo Intyaswati e Fairuzza (2023), é diretamente proporcional à adesão a discussões políticas, sendo que a informação política im-

pacta as atividades dos indivíduos e influência o debate tanto online como face-a-face. De igual modo potencializam um canal de comunicação direto entre eleitos e eleitores. Os jovens que seguem políticos nas redes sociais recebem diretamente as suas mensagens sem a interferência das agências de notícias e esta prática está relacionada com uma maior interação e participação em campanhas (Marquart et al., 2020). Isto não só aumenta a probabilidade de os indivíduos receberem conteúdos políticos do seu interesse mas leva a que a sua rede de amigos com orientações políticas similares fique mais vulnerável a receber igualmente sugestões de conteúdos políticos (Marquart et al., 2020).

Destaca-se ainda que as redes sociais possibilitam um consumo informativo com nuances, uma vez que é possível selecionar ou receber apenas conteúdos dentro dos temas de interesse do indivíduo (Russmann & Hess, 2020). Para além desta questão, novos criadores de conteúdo amadores desafiam jornalistas profissionais (Wunderlich et al., 2022) e a potencialidade de todos os indivíduos serem tanto consumidores como criadores e difusores de conteúdos nas redes sociais traduz-se num atual e preocupante problema contemporâneo, a proliferação de conteúdos que transmitam desinformação na esfera online (Nazari et al., 2022).

#### **4. Os Jovens Politicamente Informados e Mobilizados nas Redes Sociais**

A presente secção pretende analisar como se comportam os jovens que tentam estar informados através das redes sociais. Inclusive é analisado como se dá a mobilização dos jovens nas redes sociais, qual é o papel da família e do envolvimento Social na Promoção do Envolvimento Político e como se dá a transição da participação convencional para mobilizações online e não convencionais de participação.

Os adolescentes e jovens recorrem às redes sociais para as suas interações sociais e simultaneamente, para aqueles que tem interesse em estar ao corrente das notícias, é aqui que consomem conteúdo informativo sobre a atualidade política e interagem politicamente discutindo, comentando e partilhando conteúdos (Ekström & Shehata, 2018). Assim, o propósito pelo qual se utiliza redes sociais (social, consumo informativo, discussão política) gera diferentes resultados de comportamento político nos indivíduos (Valenzuela et al., 2018). Destaca-se ainda o papel de rede, pois dinâmicas coletivas contribuem para influenciar à participação política, ou seja, quanto maior a frequência com que os indivíduos observarem outros utilizadores a participarem em atividades políticas maior é a probabilidade de eles próprios se envolverem em atividades políticas nas redes sociais (Kim & Ellison, 2022). Exemplos destas dinâmicas é a partilha de *posts* de notícias nas redes sociais, assinar e divulgar petições e difundir eventos. Deste modo, as dinâmicas e formas de participação nas redes sociais não estabelecem uma expansão apenas das existentes formas de mobilização e participação política, mas criam um modo distinto de participação (Theocharis & Van Deth, 2018). A participação política online pode ter a capacidade de potenciar a mobilização e envolvimento político de jovens que, em enquadramentos de participação política tradicional e convencional, poderiam encontrar entraves e dificuldades à sua participação. Segundo Feezell (2016) a participação online não depende dos mesmos fatores facilitadores à participação política tradicional como a idade e os recursos financeiros dos indivíduos. A desigualdade na participação política dos jovens não deriva apenas da nuance entre jovens participativos e apáticos politicamente, mas também da amplitude de hipóteses de participação política que os jovens têm à sua disposição (Holecz et al., 2022). Assim formas de participação e mobilização política online podem permitir que jovens mais vulneráveis possam ter uma plataforma para se expressarem e envolverem politicamente. Porém, estas novas ferramentas não retiram importância a outros fatores essenciais à socialização e promoção da participação política ao longo da infância e adolescência dos cidadãos. A integração dos jovens nos diversos contextos sociais como a escola, clubes e organizações comunitárias desempenham um papel fundamental no seu futuro participativo (Holecz et al., 2022). Este envolvimento social poderá ajudar a minimizar as desigualdades de oportunidades de participação e envolvimento dos indivíduos proveniente de um contexto socioeconómico mais desfavorecido, tal como promover o

seu apoio às instituições democráticas e consumo de informação política (Grasso & Giugni, 2022). Os jovens atualmente apresentam menor interesse em se envolverem em formas tradicionais de participação política, como é o caso de participarem em partidos políticos, o que por vezes é associado pelos mais novos a algo aborrecido e irrelevante (Grasso, 2021). Consequentemente as formas de participação online são mais chamativas para os jovens do que formas offline de participação, e a sua adesão não é limitada aos jovens que sejam fortemente ativos nas formas de participação convencional (Oross & Szabó, 2020). As redes sociais têm também o potencial de incentivar e promover a eficácia das ações coletivas em formas não convencionais de participação, divulgando e mobilizando os indivíduos para a participação em protestos e manifestações (Hsiao, 2018). Assim, as mobilizações políticas nas redes sociais podem promover outras formas de mobilização para além da participação na democracia direta como votar ou contactar políticos (Hsiao, 2018). Existe, portanto, o potencial das redes sociais encorajarem à participação através de plataformas e contextos que promovam atividades políticas, cívicas e democráticas (Saud et al., 2023).

## 5. Câmaras de Eco, as Redes Sociais como Potencializadoras de Homogeneidades

As plataformas de redes sociais pretendem oferecer conteúdos aos seus utilizadores que os mantenham interessados e a interagir. Assim, surge a necessidade de analisar e discutir as câmaras de eco que geram homogeneidade nas redes. Este capítulo explora a definição do conceito e analisa a relação do mesmo com o consumo de conteúdos políticos e a problemática das *fake news*.

Os utilizadores que tenham interesse por assuntos políticos tendem a encontrar acidentalmente conteúdos informativos desses tópicos tal como tendem a ter amigos que partilham das mesmas preferências (Thorson et al., 2019). Simultaneamente as redes sociais direcionam conteúdos personalizados aos seus utilizadores (Rhodes, 2022), e para tal o rasto digital do seu comportamento é utilizado para deduzir essas preferências (Thorson et al., 2019). O conceito bolhas de filtro é proposto por Pariser (2011), e tem vindo a ser usado nas investigações sobre participação política. Pariser (2011) alertou para a personalização dos conteúdos que as plataformas online, como redes sociais e sites de notícias, fazem chegar aos seus utilizadores. Isto leva ao desenvolvimento da homogeneidade das redes, agregando indivíduos em torno de interesses comuns e expondo-os a conteúdos que confirmem as suas crenças e preferências (Vicario et al., 2016).

Este fenómeno pode levar a efeitos positivos, segundo o estudo de Kim e Ellison, (2022) pode existir um ciclo virtuoso de observação e envolvimento em atividades políticas promovido por redes sociais muito homogêneas. Os utilizadores que avaliam positivamente (através de *likes*, comentários e partilhas) conteúdos políticos “informando” os processos algoritmos que se trata de um conteúdo de interesse, levam a que estes conteúdos sejam promovidos pelas suas redes de contacto. Porém, a comunidade científica destaca igualmente questões nocivas sobre os efeitos da homogeneidade das redes.

O consumo político nas redes sociais pode amplificar os mecanismo de exposição seletiva a conteúdos que vão de encontro às vertentes ideológicas e preferências partidárias dos utilizadores (Ohme, 2021), uma vez que os indivíduos preferem consumir conteúdos que vão de encontro às suas predileções políticas (Huang & Yang, 2022). Esta exposição seletiva é considerada um potencial polarizador da opinião pública e pode afetar as atitudes políticas dos cidadãos (Ohme, 2021), tal como promover segregações com base nos interesses políticos e partidários dos indivíduos e aumentar o fosso de conhecimento entre os indivíduos politicamente interessados e os politicamente alienados (Dubois & Blank, 2018).

Desta forma as câmaras de eco e bolhas de filtro que as plataformas de redes sociais promovem adicionam à problemática da difusão de *fake news*, fomentando um défice de realidade partilhada, pois indivíduos que se cingem a um consumo informativo homogêneo são mais vulneráveis a confiar em conteúdos que contenham desinformação (Rhodes, 2022). De modo a reduzir os efeitos negativos do

consumo informativo e políticos nas redes sociais, uma dieta mediática diversificada que recorra a várias fontes é essencial para que os cidadãos não fiquem segregados às câmaras de eco das redes sociais (Dubois & Blank, 2018).

## 6. Polarização Política e Partidária, as Redes e Relações Sociais

Como analisado, o funcionamento das redes sociais promove a homogeneidade dos conteúdos com que os utilizadores são confrontados, o que contribui para uma visão polarizada sobre os assuntos políticos. Isto é principalmente relevante quando o consumo noticioso dos indivíduos é realizado apenas num canal ou plataforma, o que é o caso da população jovem que tende a fazer o seu consumo informativo maioritariamente nas redes sociais. É necessário analisar as implicações deste fenómeno no debate político partidário e na promoção da democracia, assim, este capítulo esclarece como as disputas partidárias se diferenciam de outras disputas entre grupos sociais, como as redes sociais podem fomentar a polarização político-partidária e como os extremismos surgem e proliferam nestes panoramas.

Numa primeira instância é imprescindível reforçar que as dinâmicas de discussão e conflito interpartidário não podem ser equiparadas às dinâmicas de conflitos entre outros grupos sociais ou organizações. No caso dos conflitos interpartidários não existem normas que regulem as discussões e choques, pelo contrário, é considerado aceitável tratar os oponentes políticos com desprezo, o que permite que os indivíduos ressintam os partidos seus opositores (Iyengar & Krupenkin, 2018). De igual modo contribui para esta problemática uma cobertura polarizada pelos media, que leva a que os cidadãos vejam os partidos seus opositores de forma ainda mais negativa (Levendusky & Malhotra, 2016).

Nos últimos anos, com o aumento das correntes e líderes populistas associados à extrema-direita, novas dinâmicas de descrédito institucional foram surgindo. Os jovens que apoiam tendências políticas extremistas e que desacreditam as instituições de comunicação social e fontes jornalísticas estão mais expostos e vulneráveis a narrativas antissistema e conteúdos de *fake news* promovidos nas redes sociais pelos grupos políticos que apoiam (Deinla et al., 2022). Igualmente, extremismo político relaciona-se com a um menor grau de confiança nas instituições governativas, científicas e jornalísticas (Juvalta et al., 2023). Isto leva a que estes jovens estejam mais predispostos a confiar nos conteúdos que contenham informação falsa que denigra as instituições, os governos ou os seus opositores partidários, eliminando pontes para o debate político e impedindo a troca saudável de argumentos e opiniões, essencial para o bom funcionamento da democracia.

O partidarismo é uma força determinante na vida social dos indivíduos politicamente interessados e investidos (Engelhardt & Utych, 2020). A pertença a um partido ou apoio a uma corrente partidária gera uma identidade partilhada, o que pode estruturar as atitudes individuais dos cidadãos, demonstrando dinâmicas de grupo e apoio a indivíduos que partilhem dessa mesma inclinação partidária (Engelhardt & Utych, 2020). A orientação política dos indivíduos também pode afetar as relações sociais que estes procuram formar (Huber & Malhotra, 2017). O mesmo se estabelece com as relações românticas, ou seja, identifica-se uma tendência para procurar parceiros românticos com orientações ideológicas semelhantes (Easton & Holbein, 2021).

Desta forma, para além dos indivíduos estarem expostos a conteúdos nas suas redes sociais que credibilizem e confirmem as suas crenças, também formam laços sociais, relações românticas e, consequentemente, ambientes familiares politicamente homogêneos, não só ao nível das suas preferências políticas e partidárias mas também na sua relação com a participação e visão sobre política (Huber & Malhotra, 2017). Este fenómeno contribui para uma sociedade cada vez mais polarizada politicamente, o que pode prejudicar a capacidade de debate e cooperação política entre indivíduos. É ainda relevante questionar quais são as consequências sociais (e que efeitos produz na própria democracia) da formação de grupos de indivíduos que apresentam baixos graus de confiança pelas instituições democráticas e colocam em causa os sistemas políticos em vigor.

## 7. *Fake or not Fake? Os utilizadores (des)informados*

A proliferação de *fake news* na esfera online é considerado um problema social da atualidade (Luo et al., 2022; Simko et al., 2021). Este é um tema controverso tanto na comunidade académica como na comunicação social e comunidade civil. Foi aquando das eleições para Presidente dos Estados Unidos em 2016, com Donald Trump, que o conceito ficou popular (Young & Brady, 2022), sendo que as *fake news* e conteúdos des-informativos foram também um grave problema aquando da pandemia Covid-19 (Tandoc Jr & Kim, 2023). É assim, essencial compreender o que se compreende por *fake news* e quais as consequências da exposição a este tipo de conteúdos.

Porém, definir este termo não é simples. “*Fake News*” pode ter vários entendimentos, tais como overload de informação, distorção do discurso público, descontextualização da informação, propaganda, rumores, teorias da conspiração, sátira e paródia política, sendo os mais trabalhados pela academia a desinformação, propaganda e rumores (Weiss et al., 2020). A proliferação destes conteúdos que aparentam conter informações ou notícias online mas que podem não ser fidedignos obriga a que o consumidor tenha de fazer a gestão e filtragem do conteúdo que consome, tendo de determinar em que informação confia (Schulz et al., 2022). Isto obrigada a novas dinâmicas de consumo informativo e gera novas vulnerabilidades.

Fatores determinantes que levam os indivíduos a acreditar em *fake news*, desinformação e teorias da conspiração que chegam até si é a grande exposição a conteúdo noticioso nas redes sociais e o grau de confiança que têm nestas plataformas para reportarem as notícias (Goyanes, 2020; Xiao, 2021). Os mais novos, os adolescentes e jovens, por terem uma dieta mediática onde as redes sociais apresentam um papel central, estão muito expostos a este tipo de conteúdos (Selnes, 2023).

As câmaras de eco das plataformas de redes sociais e polarização política são dois fatores que contribuem para que os indivíduos sejam vítimas de conteúdos que detenham informações falsas, manipuladas ou descontextualizadas. Nestes contextos é com maior facilidade que o consumidor não se aperceba da existência de desinformação se apenas for confrontado com outros conteúdos e opiniões que reforcem essa visão. E, uma vez que são promovidos conteúdos aos utilizadores com base nos seus gostos e preferências, estes podem ser vítimas das suas próprias convicções, sendo que esses conteúdos podem ser convenientes para justificar preferências possivelmente socialmente indesejáveis (Flynn & Krupnikov, 2019). Por outro lado, se não com o efeito de justificar noções previamente estabelecidas, estes conteúdos nocivos têm o potencial de distorcer comportamentos e opiniões dos cidadãos (Flynn et al., 2017). Graves implicações sociais foram originadas com base em campanhas de desinformação e com a proliferação de *fake news*, levando a perturbações em eleições democráticas e desconfiança em instituições, o que coloca em causas a estabilidade das sociedades democráticas (Mendoza et al., 2023).

Atendendo às preocupações mencionadas é necessário compreender como combater este dilema. Por um lado, é relevante compreender quais as estratégias comunicativas e técnicas que este tipo de conteúdos emprega para chegar e manipular os indivíduos (Cabañes, 2020). Contudo é igualmente relevante capacitar os utilizadores para um consumo informativo seguro nas redes sociais. Um maior nível de literacia mediática está associado a um maior conhecimento sobre os eventos da atualidade (Ashley et al., 2017), podendo assim os programas de literacia mediática contribuir para jovens melhor informados e politicamente e civicamente participativos (King, 2019). A literacia mediática, é assim, uma ferramenta essencial para a promoção do pensamento crítico dos jovens no seu consumo informativo, estando menos suscetíveis a cinismo político e extremismos (Schmuck et al., 2022).

## 8. As Redes Sociais como um Albergue da Intolerância

A proliferação de mensagens e conteúdos que promovam intolerâncias nas redes sociais é uma preocupação atual. Esta secção analisa e explora a relação entre as plataformas de redes sociais e as mensagens e atitudes intolerantes nestes meios. É realizado um levantamento das possíveis características individuais que podem estar relacionadas com a adesão a comportamentos intolerantes, tal como as razões que levam a que as redes sociais sejam um meio favorável à proliferação deste tipo de atitudes.

Como já analisado, o contexto socioeconómico dos jovens tem um impacto na sua participação política, porém a participação online ameniza este contraste. Os jovens são a faixa etária com maior presença online, o que leva a que novos partidos (frequentemente com tendências extremistas) consigam mobilizar as novas gerações neste ecossistema (Spöri et al., 2018). Um dos fatores relacionados com a radicalização dos jovens para conteúdos extremistas, para além de baixo rendimento escolar e situações pessoais e sociais instáveis, é o envolvimento ativo nas redes sociais e exposição a conteúdos radicais nestas plataformas (Cherney et al., 2022). As redes sociais tornaram-se assim uma ferramenta de exposição de ideologias extremistas para os mais novos (Cherney et al., 2022). De acordo com Uba e Bosi, (2022) carências económicas são as principais razões que levam os jovens a posicionar-se ideologicamente nos extremos, tanto à esquerda como à direita. Contudo, existem diferenças de género pois tendencialmente as mulheres posicionam-se mais à esquerda enquanto os homens inclinam ideologicamente para a direita, e os apoiantes da extrema-direita caracterizam-se por apoiar atitudes autoritárias e desacreditar os princípios democráticos (Uba & Bosi, 2022).

Deste modo a Internet revoluciona o modo como as correntes extremistas e intolerantes são formadas, através de um canal livre de distribuição e mutação informativa e política (Lu & Yu, 2020). O espaço online é assim um local onde as intolerâncias podem ser expressas livremente, levando a que os jovens mais intolerantes encontrem na esfera online e nas redes sociais um espaço para participarem e partilharem as suas ideias e pontos de vista (Bosi et al., 2022). O lado danoso da participação online é que facilita interações e comentários incivis e discriminatórios por ser um meio pouco regulado (Ihle-bæk & Holter, 2021), uma vez que o espaço não é vigiado por adultos ou figuras de autoridade, como nos outros contextos offline onde os jovens se encontram inseridos (Bosi et al., 2022), o que pode promover comportamentos extremistas que os mais novos sejam recrutados e aliciados a participar nestas correntes (Goede et al., 2022).

## 9. Discussão Final

A esfera online e as redes sociais possibilitaram novas dinâmicas sociais, informativas e participativas. Os jovens que nasceram no final do século XX cresceram imersos num ecossistema mediático em contantes mutações e desenvolvimento, onde é cada vez mais fácil estar em contacto, consumir conteúdos de entretenimento e acompanhar os acontecimentos da atualidade. Para estes jovens estas três tarefas acontecem no mesmo espaço das redes sociais, pois é este o local de eleição para consumir conteúdos noticiosos, sendo que as notícias simplesmente “aparecem” entre os outros tipos de *posts* (Peters et al., 2022).

É importante realçar, os jovens que têm interesse pelas notícias e pelos assuntos da atualidade tendem a receber mais conteúdos que vão de encontro a estas preferências. Consequentemente, é necessário questionar sobre o que acontece com jovens que não se mostram tão interessados sobre conteúdo noticioso. Sendo que, como analisado ao longo deste artigo, os algoritmos tentam fornecer conteúdos com base nos gostos pessoais dos indivíduos, podemos estar perante um isolamento informativo. Distinguindo assim os jovens que gostam e interagem com notícias nas redes sociais daqueles que não interagem e, consequentemente, deixam de receber conteúdo informativo sobre a atualidade política



nos seus *feeds*. Isto é particularmente alarmante se estes jovens não tiverem por hábito consumir outros media (como televisão e jornais) para se informarem, e nas suas relações sociais e familiares também não discutirem os assuntos da atualidade. Assim, podemos estar perante a formação de uma sociedade cada vez mais fragmentada em dois grupos, os informados e os alienados.

Considerando que as notícias são fundamentais para a construção da opinião pública e para incentivar à participação (Klopfenstein Frei et al., 2022b), a problemática alastra-se para o incentivo à participação política e nos processos democráticos. Logo, os jovens alienados da informação política também vão estar mais afastados dos processos participativos. Porém, para os jovens que utilizam as redes sociais para se informarem surgem novas opções de mobilização no espaço online. Estas novas dinâmicas permitem formas de participação e aproximação para além das vertentes tradicionais, como divulgar conteúdos noticiosos, partilhar eventos, criar conteúdos e participar no debate político. Contudo, mesmo nas formas de participação tradicional como apoiar partidos e políticos, as redes sociais podem potencializar um canal de comunicação mais estreito e direto entre eleitos e eleitores.

Apesar das vantagens inúmeras sobre o consumo informativo e participação política nas redes sociais existe um lado nocivo das mesmas. As câmaras de eco potencializam a polarização política e a difusão de desinformação. É de realçar que a exposição a informação política que espelha as crenças dos indivíduos pode incentivar a uma maior participação política (Feezell, 2016). Isto pode ter consequências evidentemente positivas, mas igualmente leva a que os utilizadores que se encontram dentro das bolhas de filtro recebam conteúdos que fundamentem apenas as suas crenças pré-existentes, dificultando o acesso a novas ideias, outras perspetivas e argumentos políticos. Este fenómeno potencializa a que os utilizadores possam, com maior facilidade, tomar como verdadeiros conteúdos que contenham desinformação. Isto permite a construção de cada vez mais barreiras e fossos entre grupos de indivíduos com ideais distintos, potencializando o surgimento de verdades alternativas.

A proliferação de atitudes intolerantes e o surgimento e crescimento de correntes políticas extremistas são potencializadas pelas redes sociais. Nestas plataformas os indivíduos podem com maior facilidade expor ideias intolerantes, ou comentários denegridores do que nos espaços sociais offline. E, nos ambientes online, em vez de encontrarem entraves a este tipo de comportamento, encontram outros indivíduos que partilham dos mesmos pareceres, criando comunidades que reforçam a participação online e que posteriormente motiva a uma mobilização offline. Os jovens que tradicionalmente, devido ao seu contexto socioeconómico, a uma cultura de pouca confiança nas instituições e a outras situações pessoais, estão mais afastados da participação tradicional e de um consumo informativo diversificado, são potencialmente mais vulneráveis a apoiar e interagir com movimentos extremistas. Os discursos populistas e simplistas transformam-se numa ferramenta de captação de apoiantes para estas causas e partidos.

Como combater e promover um consumo e participação mais segura, consciente e capacitada nas redes sociais? A inclusão de literacia mediática como uma disciplina essencial nos programas educativos pode ser uma ferramenta fundamental para promover uma navegação segura no atual panorama mediático, tal como para diminuir desigualdades (King, 2019). De igual modo a aposta na inclusão de competências de cidadania e conhecimento político nas escolas deste cedo e o incentivo dos educadores na participação no debate político e ao consumo de conteúdos noticiosos com diferentes perspetivas e pontos de vista pode ser um meio de incentivar à participação e diminuir a polarização. Reforça-se que a consciencialização para existência destas problemáticas e os seus potenciais efeitos nocivos é essencial para educar jovens mais alerta para os mesmos.

## 10. Propostas de Investigações Futuras

O levantamento da bibliografia realizado e consequente análise e discussão permitiu estabelecer um panorama geral sobre a problemática das redes sociais como meio de consumo noticiosos e de mobilização política. Compreendeu-se os possíveis perigos e efeitos nocivos da navegação neste ecossistema mediático, principalmente para uma população jovem que elege as redes sociais como o principal fórum de consumo de media. Câmaras de eco, homogeneidade das redes, polarização política, intolerância, *fake news* e desinformação, são preocupações que devem mobilizar académicos em investigações futuras. Assim, considera-se que investigações futuras podem olhar para esta temática especificamente no contexto social e político português. Realça-se que, para melhor compreender esta problemática, seria relevante analisar como as dinâmicas de polarização política nas redes sociais operam num contexto político multipartidário (como é o caso em Portugal). Apesar de o contexto político português continuar a ser movido por duas grandes forças político-partidárias, novos partidos surgem e ganham espaço mediático e representativo (tanto à direita como à esquerda) e seria relevante analisar como se posicionam ao nível comunicacional nas redes sociais, e se/como referem aos partidos seus opositores. Seria igualmente de interesse explorar as páginas dos partidos políticos versus as suas juventudes partidárias, não só de modo a compreender como diferem na mensagem e formato de transmissão e apresentação de conteúdo, mas também como difere a relação das páginas com os utilizados e a interação dos utilizadores com as páginas. É igualmente relevante perceber como os jovens apoiantes de partidos extremistas se posicionam, relacionam, divulgam e debatem assuntos políticos nas suas redes sociais em relação a jovens com preferências políticas mais moderadas, principalmente considerando que o partido de extrema-direita português tem vindo crescer rapidamente em Portugal, ganhando lugares tanto a nível nacional como local. E, por último, o que difere nos hábitos de consumo mediático dos jovens informados dos alienados dos conteúdos noticiosos sobre a atualidade política, e como as suas redes excluem ou incluem conteúdos noticiosos e informativos.

## Agradecimentos

Este trabalho é apoiado financeiramente por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., ao abrigo da bolsa UI/BD/154589/2022.

## Referências bibliográficas

- Aichner, T., Grünfelder, M., Maurer, O., & Jegeni, D. (2021). Twenty-Five Years of Social Media: A Review of Social Media Applications and Definitions from 1994 to 2019. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 24(4), 215–222. <https://doi.org/10.1089/cyber.2020.0134>
- Andersen, K., Ohme, J., Bjarnøe, C., Bordacconi, M. J., Albæk, E., & De Vreese, C. H. (2020). *Generational Gaps In Political Media Use And Civic Engagement - From Baby Boomers To Generation Z* (1st ed). Routledge. <https://doi.org/https://doi.org/10.4324/9781003111498>
- Antunovic, D., Parsons, P., & Cooke, T. R. (2018). ‘Checking’ and googling: Stages of news consumption among young adults. *Journalism*, 19(5), 632–648. <https://doi.org/10.1177/1464884916663625>
- Ashley, S., Maksl, A., & Craft, S. (2017). News Media Literacy and Political Engagement: What’s the Connection? *Journal of Media Literacy Education*, 9(1), 79–98.
- Bode, L. (2016). Political News in the News Feed : Learning Politics from Social Media. *Mass Communication and Society*, 19(1), 24–48. <https://doi.org/10.1080/15205436.2015.1045149>
- Bosi, L., Lavizzari, A., & Portos, M. (2022). The impact of intolerance on young people’s online political participation. *Politics*, 42(1), 95–127. <https://doi.org/10.1177/02633957211014453>

- Cabañes, J. V. A. (2020). Digital Disinformation and the Imaginative Dimension of Communication. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 97(2), 435–452. <https://doi.org/10.1177/1077699020913799>
- Cherney, A., Belton, E., Norham, S. A. B., & Milts, J. (2022). Understanding youth radicalisation: an analysis of Australian data. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression*, 14(2), 97–119. <https://doi.org/10.1080/19434472.2020.1819372>
- Deinla, I. B., Mendoza, G. A. S., Ballar, K. J., & Yap, J. K. (2022). The link between fake news susceptibility and political polarization of the youth in the Philippines. *Asian Journal of Political Science*, 30(2), 160–181. <https://doi.org/10.1080/02185377.2022.2117713>
- Dubois, E., & Blank, G. (2018). The echo chamber is overstated : the moderating effect of political interest and diverse media. *Information, Communication & Society*, 21(5), 729–745. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2018.1428656>
- Easton, M. J., & Holbein, J. B. (2021). The Democracy of Dating: How Political Affiliations Shape Relationship Formation. *Journal of Experimental Political Science*, 8(3), 260–272. <https://doi.org/10.1017/XPS.2020.21>
- Ekström, M., & Shehata, A. (2018). Social media, porous boundaries, and the development of online political engagement among young citizens. *New Media and Society*, 20(2), 740–759. <https://doi.org/10.1177/1461444816670325>
- Engelhardt, A. M., & Utych, S. M. (2020). Grand Old (Tailgate ) Party ? Partisan Discrimination in Apolitical Settings. *Political Behavior*, 42, 769–789. <https://doi.org/10.1007/s11109-018-09519-4>
- Feezell, J. T. (2016). Predicting Online Political Participation : The Importance of Selection Bias and Selective Exposure in the Online Setting. *Political Research Quarterly*, 69(3), 495–509. <https://doi.org/10.1177/1065912916652503>
- Feio, C. (2022). *Da Relação Entre Consumo Mediático, Solidão e Participação Política - O Caso Dos Jovens em Portugal* [Universidade de Aveiro]. <http://hdl.handle.net/10773/35403>
- Flynn, D. J., & Krupnikov, Y. (2019). Misinformation and the Justification of Socially Undesirable Preferences. *Journal of Experimental Political Science*, 6, 5–16. <https://doi.org/10.1017/XPS.2018.12>
- Flynn, D. J., Nyhan, B., & Reifler, J. (2017). The Nature and Origins of Misperceptions : Understanding False and Unsupported Beliefs About Politics. *Advances in Political Psychology*, 38(1), 127–150. <https://doi.org/10.1111/pops.12394>
- Goede, L. R., Schröder, C. P., Lehmann, L., & Bliesener, T. (2022). Online Activities and Extremist Attitudes in Adolescence: An Empirical Analysis with a Gender Differentiation. *Monatsschrift Fur Kriminologie Und Strafrechtsreform*, 105(4), 257–274. <https://doi.org/10.1515/mks-2022-0021>
- Goyanes, M. (2020). Antecedents of Incidental News Exposure : The Role of Media Preference , Use and Trust. *Journalism Practice ISSN:*, 14(6), 714–729. <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1631710>
- Grasso, M. (2021). Gender inequalities in political participation and political engagement among young people in Europe : Are young women less politically engaged than young men ? *Politics, Special Is*, 1–19. <https://doi.org/10.1177/02633957211028813>
- Grasso, M., & Giugni, M. (2022). Intra-generational inequalities in young people ’ s political participation in Europe : The impact of social class on youth political engagement. *Politics*, 42(1), 13–38. <https://doi.org/10.1177/02633957211031742>
- Halim, H., Mohamad, B., Dauda, S. A., Azizan, F. L., & Akanmu, M. D. (2021). Association of online political participation with social media usage, perceived information quality, political interest and political knowledge among Malaysian youth: Structural equation model analysis. *Cogent Social Sciences*, 7(1). <https://doi.org/10.1080/23311886.2021.1964186>

- Holecz, V., G. E. F. G., & Giugni, M. (2022). Broadening political participation: The impact of socialising practices on young people ' s action repertoires. *Politics*, 42(1), 58–74. <https://doi.org/10.1177/02633957211041448>
- Hsiao, Y. (2018). Understanding digital natives in contentious politics : Explaining the effect of social media on protest participation through psychological incentives. *New Media and Society*, 20(9), 3457–3478. <https://doi.org/10.1177/1461444817749519>
- Huang, S., & Yang, T. (2022). No trade-offs between news and entertainment: Evidence from online engagement data. *New Media and Society*. <https://doi.org/10.1177/14614448211063899>
- Huber, G. A., & Malhotra, N. (2017). Political Homophily in Social Relationships: Evidence from Online Dating Behavior. *The Journal of Politics*, 79(1), 269–283. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1086/687533>
- Ihlebak, K. A., & Holter, C. R. (2021). Hostile emotions: An exploratory study of far-right online commenters and their emotional connection to traditional and alternative news media. *Journalism*, 22(5), 1207–1222. <https://doi.org/10.1177/1464884920985726>
- Intyaswati, D., & Fairuzza, M. T. (2023). The Influence of Social Media on Online Political Participation among College Students: Mediation of Political Talks. *Southern Communication Journal*, 00(00), 1–9. <https://doi.org/10.1080/1041794X.2023.2165703>
- Iyengar, S., & Krupenkin, M. (2018). The Strengthening of Partisan Affect. *Advances in Political Psychology*, 39(1), 201–218. <https://doi.org/10.1111/pops.12487>
- Jesson, J. K., Matheson, L., & Lacey, F. M. (2011). *Doing your Literature Review - Traditional and Systematic Techniques*. Sage Publications.
- Juvalta, S., Speranza, C., Robin, D., El Maohub, Y., Krasselt, J., Dreesen, P., Dratva, J., & Suggs, L. S. (2023). Young people’s media use and adherence to preventive measures in the “infodemic”: Is it masked by political ideology? *Social Science and Medicine*, 317(May 2022), 115596. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2022.115596>
- Kim, D. H., & Ellison, N. B. (2022). From observation on social media to offline political participation : The social media affordances approach. *New Media & Society*, 24(12), 2614–2634. <https://doi.org/10.1177/1461444821998346>
- King, K. (2019). Education, digital literacy and democracy: the case of Britain’s proposed ‘exit’ from the European Union (Brexit). *Asia Pacific Education Review*, 20(2), 285–294. <https://doi.org/10.1007/s12564-019-09594-0>
- Klopfenstein Frei, N., Wyss, V., Gnach, A., & Weber, W. (2022a). “It’s a matter of age”: Four dimensions of youths’ news consumption. *Journalism*, 0(0), 1–22. <https://doi.org/10.1177/14648849221123385>
- Klopfenstein Frei, N., Wyss, V., Gnach, A., & Weber, W. (2022b). “It’s a matter of age”: Four dimensions of youths’ news consumption. *Journalism*. <https://doi.org/10.1177/14648849221123385>
- Levendusky, M., & Malhotra, N. (2016). Does Media Coverage of Partisan Polarization Affect Political Attitudes ? *Political Communication*, 33(2), 283–301. <https://doi.org/10.1080/10584609.2015.1038455>
- Lu, J., & Yu, X. (2020). Does The internet make us more intolerant? A contextual analysis in 33 countries. *Information, Communication & Society*, 23(2), 252–266. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2018.1499794>
- Luo, Y. F., Yang, S. C., & Kang, S. (2022). New media literacy and news trustworthiness: An application of importance–performance analysis. *Computers and Education*, 185(September 2021), 104529. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2022.104529>
- Marquart, F., Ohme, J., & Möller, J. (2020). Following Politicians on Social Media : Effects for Political Information , Peer Communication , and Youth Engagement. *Media and Communication*, 8(2), 197–207. <https://doi.org/10.17645/mac.v8i2.2764>

- Mendoza, R. U., Elemia, C. K. S., Recto, J. M. M., & Castro, A. B. De. (2023). When fake news infects political networks : case study of the Tallano gold myth in the Philippines. *Media Asia*, 50(4), 501–527. <https://doi.org/10.1080/01296612.2023.2217607>
- Nazari, Z., Jamali, H. R., & Oruji, M. (2022). News Consumption and Behavior of Young Adults and the Issue of Fake News. *Journal of Information Science Theory and Practice*, 10(2), 1–16. <https://doi.org/10.1633/JISTaP.2022.10.2.1>
- Ohme, J. (2021). Algorithmic social media use and its relationship to attitude reinforcement and issue-specific political participation – The case of the 2015 European immigration movements. *Journal of Information Technology & Politics*, 18(1), 36–54. <https://doi.org/10.1080/19331681.2020.1805085>
- Ohme, J., Andersen, K., Albæk, E., & de Vreese, C. H. (2022). Anything Goes? Youth, News, and Democratic Engagement in the Roaring 2020s. In *International Journal of Press/Politics* (Vol. 27, Issue 3, pp. 557–568). <https://doi.org/10.1177/19401612221093008>
- Oross, D., & Szabó, A. (2020). Digitalization and Gender Differences in Political Participation among Hungarian University Students. *Intersections East European Journal of Society and Politics*, 6(4), 11–33. <https://doi.org/10.17356/IEEJSP.V6I4.650>
- Pariser, E. (2011). *The filter bubble : what the internet is hiding from you*. Penguin Press.
- Pawluczuk, A., Hall, H., Webster, G., & Smith, C. (2020). Youth digital participation: Measuring social impact. *Journal of Librarianship and Information Science*, 52(1), 3–15. <https://doi.org/10.1177/0961000618769975>
- Peters, C., Schröder, K. C., Lehaff, J., & Vulpius, J. (2022). News as They Know It: Young Adults' Information Repertoires in the Digital Media Landscape. *Digital Journalism*, 10(1), 62–86. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1885986>
- Rekker, R., Keijsers, L., Branje, S., & Meeus, W. (2015). Political attitudes in adolescence and emerging adulthood : Developmental changes in mean level , polarization , rank- order stability , and correlates. *Journal of Adolescence*, 41, 136–147. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.03.011>
- Rhodes, S. C. (2022). Filter Bubbles, Echo Chambers, and Fake News: How Social Media Conditions Individuals to Be Less Critical of Political Misinformation. *Political Communication*, 39(1), 1–22. <https://doi.org/10.1080/10584609.2021.1910887>
- Russmann, U., & Hess, A. (2020). News Consumption and Trust in Online and Social Media: An In-depth Qualitative Study of Young Adults in Austria. *International Journal of Communication*, 14, 3184–3201.
- Saud, M., Ida, R., Mashud, M., Yousaf, F. N., & Ashfaq, A. (2023). Cultural dynamics of digital space: Democracy, civic engagement and youth participation in virtual spheres. *International Journal of Intercultural Relations*, 97(October), 101904. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2023.101904>
- Schmuck, D., Fawzi, N., Reinemann, C., & Riesmeyer, C. (2022). Social media use and political cynicism among German youth: the role of information-orientation, exposure to extremist content, and online media literacy. *Journal of Children and Media*, 16(3), 313–331. <https://doi.org/10.1080/17482798.2021.1977358>
- Schulz, A., Fletcher, R., & Nielsen, R. K. (2022). The role of news media knowledge for how people use social media for news in five countries. *New Media and Society*. <https://doi.org/10.1177/14614448221108957>
- Selnes, F. N. (2023). Fake news on social media : Understanding teens ' ( Dis ) engagement with news. *Media, Culture & Society*, 46(2), 376 –392. <https://doi.org/10.1177/01634437231198447>

- Simko, J., Racsco, P., Tomlein, M., Hanakova, M., Moro, R., & Bielikova, M. (2021). A study of fake news reading and annotating in social media context. *New Review of Hypermedia and Multimedia*, 27(1–2), 97–127. <https://doi.org/10.1080/13614568.2021.1889691>
- Spöri, T., Oross, D., & Susánszky, P. (2018). Active Youth ? Trends of Political Participation in East Central Europe. *Intersections. EEJSP*, 6(4), 5–10. <https://doi.org/10.17356/ieejsp.v6i4.792>
- Tandoc Jr, E. C., & Kim, H. K. (2023). Avoiding real news, believing in fake news? Investigating pathways from information overload to misbelief. *Journalism*, 24(6), 1174–1192. <https://doi.org/10.1177/14648849221090744>
- Theocharis, Y., & Van Deth, J. W. (2018). The continuous expansion of citizen participation : a new taxonomy. *European Political Science Review*, 10(1), 139–163. <https://doi.org/10.1017/S1755773916000230>
- Thorson, K., Cotter, K., Medeiros, M., & Pak, C. (2019). Algorithmic inference , political interest , and exposure to news and politics on Facebook. *Information, Communication & Society*, 1–18. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1642934>
- Uba, K., & Bosi, L. (2022). Explaining youth radicalism as a positioning of the self at opposite extremes. *Politics*, 42(1), 128–145. <https://doi.org/10.1177/0263395721990539>
- Valenzuela, S., Correa, T., & Zúñiga, H. G. De. (2018). Ties , Likes , and Tweets : Using Strong and Weak Ties to Explain Differences in Protest Participation Across Facebook and Twitter Use. *Political Communication*, 35(1), 117–134. <https://doi.org/10.1080/10584609.2017.1334726>
- Vicario, M. Del, Bessi, A., Zollo, F., Petroni, F., Scala, A., Caldarelli, G., Stanley, H. E., & Quattrociocchi, W. (2016). The spreading of misinformation online. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 113(3), 554–559. <https://doi.org/10.1073/pnas.1517441113>
- Weiss, A. P., Alwan, A., Garcia, E. P., & Garcia, J. (2020). Surveying fake news: Assessing university faculty’s fragmented definition of fake news and its impact on teaching critical thinking. *International Journal for Educational Integrity*, 16(1), 1–30. <https://doi.org/10.1007/s40979-019-0049-x>
- Wunderlich, L., Hölig, S., & Hasebrink, U. (2022). Does Journalism Still Matter? The Role of Journalistic and non-Journalistic Sources in Young Peoples’ News Related Practices. *The International Journal of Press/Politics*, 27(3), 69–588. <https://doi.org/10.1177/19401612211072547>
- Xiao, X. (2021). The dangers of blind trust: Examining the interplay among social media news use, misinformation identification, and news trust on conspiracy beliefs. *Public Understanding of Science*, 30(8), 977–992. <https://doi.org/10.1177/0963662521998025>
- Yanardağoğlu, E. (2021). ‘Just the way my generation reads the news’: News consumption habits of youth in Turkey and the UK. *Global Media and Communication*, 17(2), 149–166. <https://doi.org/10.1177/1742766520979729>
- Young, J. A., & Brady, S. R. (2022). Re-Imagining Digital and New Media Literacies in Social Work Education: A Critical Framework for Overcoming #FakeNews, Divisiveness, and Injustice. *Advances in Social Work*, 22(2), 270–286. <https://doi.org/10.18060/24947>